

## **Um site para homens e mulheres**

A historiadora norte-americana Linda Gordon, autora do livro *Feminism unfinished* (Feminismo inacabado, em tradução literal) e professora na Universidade de Nova York acredita que iniciativas como a de Maria Carolina Machado são louváveis. Para ela, o formato em que o site foi construído aproxima e permite todo tipo de contribuição -- e o saldo, mais que positivo, derruba qualquer barreira que ainda possa haver entre gêneros. “Se você acredita que mulheres devem ter direitos iguais, você é feminista. Com sites como este, todos podem ser feministas -- homens ou mulheres, ricos ou pobres, pessoas de todas as cores e de todas as religiões”, discorre.

Linda Gordon e Maria Carolina Machado ainda não se conhecem pessoalmente, no entanto, concordam quando apontam que o ativismo virtual, muitas e na maioria das vezes, é o pontapé inicial para um engajamento local. “Acredito que todos precisam trabalhar por uma sociedade igual para todos os sexos e raças. As relações pessoais não deveriam se basear apenas em gêneros”, avalia a americana. “O MAMU também não pretende ficar só na visualização de pontos. Em paralelo ao mapeamento, pretendo criar encontros, cursos, campanhas de sensibilização e articulações variadas entre os coletivos, fomentando redes de solidariedade e desenvolvimento de projetos”, adianta Maria Carolina Machado.

## **PARA A INTERNET**

### **Leia a entrevista com Maria Carolina Machado, criadora do site MAMU - Mapa de coletivos de mulheres**

Tenho muitas perguntas, mas, primeiro, gostaria que você se apresentasse aos leitores. O que você faz, onde trabalha e quantos anos tem?

Sou Maria Carolina Machado, tenho 34 anos, nasci em Belo Horizonte, mas ainda bebê vim para Brasília. Cresci nesse cerrado e apenas no ano passado fui morar em outros cantos. Por aqui fiz parte de grupos de dança, dei aula para a educação infantil e fundamental, trabalhei no Ministério da Educação e fui integrante por quase 10 anos do Teatro do Concreto. Tudo isso aconteceu junto e misturado. Não houve uma ordem linear. No final de 2012, pedi transferência para São Paulo e fui cedida para trabalhar no educativo do Museu Lasar Segall. Em São Paulo, também conheci muitas, muitas mulheres com o desejo de criar um espaço de protagonismo e respeito a ciclos e ritmos femininos. Formamos, assim, a Casa de Lua Organização Feminista. Esse ano de 2014 tem me proporcionado uma pausa, um respiro. Costumo dizer que é o meu ano sabático para rever algumas prioridades. Surgiu uma oportunidade para sair do Brasil e fui parar nos Estados Unidos. Comecei pelo oeste, Califórnia, Utah, viagens mais curtas por outros estados mais próximos, como o Arizona e, daqui algumas semanas, sigo para o leste do país. Nesse trajeto, tem sido muito intenso o reconhecimento de muitos valores e saberes do feminino, tanto pelo contato que mantenho com a Casa de Lua quanto pelas histórias e encontros com outras mulheres. O MAMU - mapa de coletivos de mulheres - nasce, justamente, desse movimento.

Conte-nos um pouco sobre a sua relação com Brasília. Aqui, você se descobriu feminista? Brasília me criou. Sem dúvida essa também é a minha terra materna, de acolhimento, aprendizagem, muitas broncas e realizações. Porém, não foi aqui que me descobri feminista. Na verdade, os encontros às relações de submissão, aos relatos de abuso, e às desigualdades já eram vividos. Porém, esse reconhecimento veio apenas quando comecei a perceber que algumas atitudes, muitas aparentemente normais e embutidas em supostas delicadezas, tinham outros nomes. Foi quando tive consciência que palavras

como misoginia, sexismo e patriarcado estão no tapete da sala, no chão do escritório, nas ruas, no caminho de casa... próximas, mais próximas e rotineiras do que imaginamos; e para ter clareza do meu feminismo foi fundamental o encontro com outras mulheres, o compartilhamento de experiências. Tudo isso aconteceu quando comecei a fazer parte desse coletivo de mulheres em São Paulo, o que tem possibilitado tirar o feminismo de um lugar distante e encontrar formas reais de atuação e discussão sobre o que é ser mulher. Me lembrei agora de um minidocumentário que vi chamado Severinas da Eliza Capai, que retrata a vida de mulheres sertanejas do Piauí, titulares do Bolsa Família, que têm encontrado formas de se libertar da servidão ao homem e à miséria. Para uma dessas mulheres é perguntado “O que é ser mulher?”, ela respira fundo, olha para os lados e diz: “Ser mulher é mulher (mais um suspiro) ser mulher é mulher ( e como se ela não pudesse acreditar ou estivesse tentando se convencer de algo, fala pausadamente) ser mulher é mulher...” Esse trecho foi tão avassalador... Foi a medida do tanto o que temos que enfrentar, e ao mesmo tempo a potência e força que temos.

E por quê teve a ideia de criar o MAMU, fazendo uma espécie de ativismo virtual? Apesar do MAMU ser um projeto recente (2 meses), foi há um ano, desde que comecei a fazer parte da Lua, que alguns questionamentos começaram a surgir. Em todas as nossas discussões, atividades e ações sobre a representatividade, o protagonismo e a valorização das mulheres, eu me questionava quem seriam essas mulheres e onde elas estariam. Queria saber como se articulavam, quais eram as suas demandas e bandeiras. Fiz várias pesquisas na internet, li reportagens, e percebi que somos muitas. Grupos e iniciativas surgem constantemente. Porém, a forma de localiza-los e criar conexões ainda é difícil. Pensei que o recurso de um mapa seria interessante para a visualização e o reconhecimento de nossos perfis, atividades e causas. Enquanto era desenvolvida a parte mais técnica, como registro de domínio e plataforma, eu já iniciava o levantamento dos primeiros grupos. Nesse movimento, percebi que seria impossível ter todos os grupos de todo o Brasil mapeados para o MAMU ser lançado. Na verdade, ele nunca estará completo e é difícil dimensionar e limitar o mapa a um número de pontos. Sempre digo que a ideia é que o mapa seja dinâmico, aberto e vivo, pronto para incluir cada coletivo e projeto formado e encontrado. Assim, no dia dois de setembro, o MAMU foi lançado com o suporte de site e página em rede social. É por isso que a chamada de inscrições e cadastro no site é tão importante para o MAMU tomar forma e fazer a roda crescer.

De que maneira o projeto pode ajudar a diminuir discrepâncias entre gêneros? Ainda não tenho como avaliar o impacto direto do projeto nas relações entre gêneros. Porém, uma coisa é certa, a partir do momento em que marcamos os grupos no mapa e os deixamos visíveis, valorizamos as especificidades de cada um. A atuação de cada coletivo é bastante representativa na sua região e nos aspectos que se propõe a atuar. Quando iniciarmos ações de articulações entre essas mulheres, isso fortalecerá o que cada coletivo defende, e as conquistas e impactos podem ser muito significativas. O desejo é que esse projeto mobilize a criação de mais e mais grupos, o encontro de mulheres protagonistas, e a visibilidade e a abrangência de suas ações.

Quando percebeu que era um dever lutar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres?

Acho que essa resposta está imbricada em quando me reconheci feminista. Sempre questionei várias situações; já fui retalhada por não me submeter a determinados comportamentos num trabalho; já comprei briga na rua, por não aceitar que mexessem comigo, e ainda fui chamada de histérica... e por aí vai. A luta já existia, mas não era engajada e articulada com outras mulheres, como acontece agora.

Quando morou em Brasília, chegou a conhecer alguns dos coletivos que hoje podem ser encontrados com a ajuda do site?

Não. Conheci alguns grupos e projetos de Brasília com o MAMU. Com um deles que é a Universidade Livre Feminista - um dos projetos do CFEMEA ( Centro Feminista de Estudos e Assessoria) - iniciei uma conversa, que gerará uma parceria muito importante, principalmente, para o desenvolvimento de ações entre os grupos mapeados. E já adianto o convite para que grupos e projetos que tenham a mulher como foco, inscrevam-se no MAMU. [www.mamu.net.br](http://www.mamu.net.br)

Conheci o site por meio de uma revista feminina, TPM. Como você acha que o feminismo é representado na mídia, acredita que ainda é muito associado a "feminazi", a tirar os homens do poder, e não dividir o poder com eles de maneira justa e igualitária?

Acho que há muito desconhecimento do que seja o feminismo. Feminismo não se trata de tirar poder dos homens, essa é uma visão distorcida. Porém, a palavra em si e como o seu significado é entendido carregam muito esse estigma. A escritora Clara Averbuck, em um dos seus artigos, apresenta o quanto essa palavra e conceito são mal compreendidos e completamente desvirtuados. Em um dos trechos, ela diz: "Feminismo não prega ódio, feminismo não prega a dominação das mulheres sobre os homens". Não se luta contra um gênero, mas contra um sistema. Em relação a mídia, também deve haver uma maior clareza do significado, assim como, a abertura de mais meios e espaços para que ele seja divulgado. É um movimento que também tem acontecido. Muitos jornais já abrem colunas e reportagens sobre a questão (como na Carta Capital, que tem a coluna Escritório Feminista; na revista TPM e como o Correio Braziliense faz agora essa entrevista); agências de notícias reconhecidas pautam o feminismo; vemos uma infinidade de blogs feitos por jornalistas. Há uns 2 meses, aproximadamente, oferecemos na Casa de Lua, uma oficina de Ciberfeminismo - jornalismo com perspectiva de gênero, realizado pela jornalista Florencia Goldsman. Enfim, alguns exemplos dessa guinada. O MAMU tem mapeado muitos desses blogs e agências.

Por quê decidiu se tornar uma defensora da causa feminista? Você acha que toda mulher deveria ser feminista? Como avalia nomes como Beyoncé, Miley Cyrus, Valesca Popozuda defendendo a causa?

Sinceramente, acho que nem entra pelo viés da escolha - ser ou não feminista. Penso que a partir do momento que a pessoa questiona os seus papéis e relações, o feminismo já é abraçado. Acordamos todos os dias pensando em maior ou menor grau sobre a divisão de tarefas no cuidado com a casa, a responsabilidade na educação dos filhos, o querer usar o que quiser e andar tranquila na rua, questões salariais, de submissão e opressão, representatividade no trabalho, na política, em decidir o que fazer com o seu próprio corpo. Mais uma vez, falta clareza, que esses questionamentos são abordados pelo feminismo. Tirar o feminismo de um lugar estigmatizado, e acolhe-lo como percepção da vida diária. Nesse deslocamento, trazendo o movimento para a prática, no que cada uma vive e acredita, todas essas cantoras e atrizes fazem valer suas realidades e acabam popularizando e desmistificando a questão, o que é muito bom. Não pode subir no palco, rebolar e ainda citar trechos da fala da Chimamanda? Por que? Quem disse?

Optar pelo aborto, falar sobre questões sexuais, decidir sobre casamento e filhos... A mulher moderna tem o poder sobre suas decisões, ou ainda é influenciada por elementos externos?

Acho que essa tomada de consciência tem acontecido aos poucos, mas de forma consistente. Veja a questão dos nascimentos, por exemplo. O crescimento da humanização do parto, as mulheres exigindo dos seus médicos informações baseadas em evidências, criando mecanismos de denúncias para casos de violência obstétrica,

respeitando o tempo do bebê, o seu próprio corpo, buscando prós e contras para tomar uma decisão. E quando se está repleta de conteúdo, escolher normal ou cesária, se será o mais natural possível, ou se terá anestesia é uma escolha consciente da mulher. Creio que hoje há um maior acolhimento e espaço para colocar as decisões na mesa, e mesmo que haja preconceito e estranhamento, não deixa de ser exposto. Vejo muito isso em relação ao se optar pela maternidade e pelo casamento - se haverá casamento ou não, com que idade e com quem. Porém, muitas vezes falta o esclarecimento da informação, o fundamento para ser contra ou a favor de algo. Nesse caso, a mulher tem o poder da escolha, mas não sabe que tem e transfere esse poder de decisão para o outro. Sem contar quando o corpo é cerceado pelo Estado e pela religião. As campanhas políticas desse ano ilustram o quanto ficou para escanteio esse poder de escolha, ao não se tratar do aborto e do casamento homossexual, por exemplo.

O movimento feminista é forte e unido? Pode uma verdadeira feminista ser contra o aborto e métodos contraceptivos? O que caracteriza, aliás, uma pessoa feminista? Acha que existe algum tipo de "má" feminismo?

Creio que não exista essa classificação - ser uma falsa ou verdadeira feminista, ter um bom ou mau feminismo. Na verdade, existem várias correntes dentro do feminismo. Não existe regra. É um movimento plural. Isso pode, certamente, criar dificuldade de comunicação e articulação, mas não o seu enfraquecimento. Até mesmo porque acredito que é a mudança na educação de gênero que recebemos, o cerne do movimento. E de uma forma ou de outra todas abordam isso. Um dos trabalhos é dar vez e voz à toda essa diversidade. Você pode ser contra o aborto, e defender com unhas e dentes a valorização da mulher no mercado de trabalho. Vou dizer que você é mais ou menos feminista por isso? Não! Pode ser contra a pílula, mas respeitar quem decide toma-la, não porque é uma má ou boa decisão, mas porque aquela mulher teve (ou deveria ter) condições de escolher o que é melhor pra ela, para o seu corpo. Uma coisa não invalida a outra. Acho que o melhor critério é honrar aquilo que faz sentido para você. E aí, estar entre mulheres, participar de rodas de conversas, de coletivos, é fundamental para ter os esclarecimentos necessários, rever opiniões, fortalecer o que se acredita e ter possibilidade de uma atuação e mudança real, na prática. É realmente o caso de se reconhecer como protagonista. Feminismo é uma construção diária.

Correio Braziliense

Brasília, 27 de novembro de 2014

matéria na internet: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/11/27/interna\\_diversao\\_arte,459405/mapa-reune-coletivos-femininos-que-usam-a-arte-para-defender-causas-sociais.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/11/27/interna_diversao_arte,459405/mapa-reune-coletivos-femininos-que-usam-a-arte-para-defender-causas-sociais.shtml)

<http://df.divirtasemais.com.br/>